

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE ANTROPOLOGIA

**Momentos Liminares: Um estudo sobre a (re)construção das
identidades dos imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro Zona
Verde**

Discente: Ernesto Manuel Saete Mulungo

Supervisor: Xénia Carvalho

Maputo, Agosto de 2012

Momentos Liminares: Um Estudo sobre a (re)construção das Identidades dos Imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro Zona Verde

Trabalho apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane

Ernesto Manuel Saete Mulungo

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

O Júri

O Presidente

O Supervisor

O oponente

Declaração

Declaro que este trabalho de fim de curso nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau e que constitui o resultado da minha investigação pessoal estando no texto as fontes usadas para o efeito.

Maputo, Agosto de 2012

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Emmanuel Mulungo, a minha esposa Manuela Helena Ndimande e aos meus pais Alfiado Mulungo e Enea Zunguza.

AGRADECIMENTOS

À toda equipe de docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia que tornaram possível a minha formação, em especial ao Dr. Hilário Madiquida, Emídio Gune, Adriano Biza, Johane Zonjo e Elísio Jossias o meu muito obrigado.

A minha supervisora dr. Xénia Carvalho vai o meu especial agradecimento pelos ensinamentos, conselhos e indicação do material que tornaram possível a elaboração do trabalho.

Aos meus colegas, Celso Vasconcelos, Manuela Ndimande, Bendito Magule, José Waciquetane, pela ajuda que prestaram na sala de aulas e o espírito de inter ajuda.

Aos meus familiares em especial aos meus tios Alfiado Zunguza, Carla Zunguza e Ana Zunguza, aos meus pais Alfiado Mulungo e Enea Zunguza, aos meus irmãos Esperança Mulungo, Maria Zinha Mulungo, Ilídio Mulungo, João Mulungo, Alfredo Mulungo, Rui Mulungo, Fernando Mulungo e Arminda Mulungo e ao meu amigo Ernesto Nhamasso pelo apoio e paciência durante o percurso da formação.

A Sra. Claudina, Alzira e Etelvina pela concessão do material para elaboração do trabalho e pela facilitação do intercâmbio com os docentes.

Obrigado.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ACNUR- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

INAR- Instituto Nacional de Apoio aos Refugiados

CARITAS- Confederação humanitária internacional da igreja Católica

WR- World Relief

RDC- República Democrática do Congo

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão da literatura	4
3. Método de recolha e análise de dados.....	7
3.1. Conceptualização	7
3.2. Recolha de dados	8
4. Resultados	10
4.1.1. Breve caracterização da área de estudo e dos participantes	10
4.1.2. Trajectórias das famílias até a sua chegada ao bairro Zona Verde	10
4.1.3. Estratégias adoptadas para a inserção nos locais de acolhimento	14
4.1.4. Afirmção e legitimação da identidade dos imigrantes no Bairro	16
5. Discussão	19
6. Considerações finais	21
7. Referências Bibliográficas	22

Resumo

O presente estudo analisa o processo de (re)construção das identidades dos imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro Zona Verde, o mesmo foi realizado com base na abordagem qualitativa para captar as experiências de vidas desde o abandono das suas zonas de origem até ao seu estabelecimento no bairro.

No geral, o estudo procurou compreender como os imigrantes provenientes dos Grandes Lagos reconstróem a sua identidade em momentos de extensa liminaridade no bairro Zona Verde, e especificamente, procurou identificar as estratégias adoptadas pelos imigrantes na (re)construção da sua identidade e por fim as relações estabelecidas entre eles e a comunidade local do bairro.

Os resultados do estudo revelam que os imigrantes reconstróem a sua identidade através da interação que estabelecem entre eles e com os nativos através da partilha de imagens, representações aliado ao espírito de inter-ajuda e reciprocidade.

Revelam ainda que estes encontraram no comércio de produtos de primeira necessidade e na educação dos filhos, uma forma de se identificar e de viver diferente da que tinham nas suas zonas de origem.

Palavras-Chave: bairro Zona Verde, Identidade, liminaridade, Movimentos migratórios Africanos, Redes, Socialização, Região dos Grandes Lagos.

1. Introdução

Este trabalho discute o processo de (re)construção das identidades dos imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro da Zona Verde, que desde 2003 passou a ser habitado por indivíduos dessa região na sua maioria Hutu, que abandonaram as suas zonas de origem a procura de locais seguros para se exilarem por causa dos conflitos armados de origem étnica entre Tutsis e Hutus.

Estima-se que em 1990 a população migrante no mundo era de mais de 80 milhões de pessoas, dos quais 20 milhões eram refugiados (ACNUR, 2009). Dados do INAR indicam que entre 1989 a 1990 cerca de 1.7 milhões de pessoas procuraram asilo em Moçambique.

Neste âmbito após a assinatura dos Acordos Geral de Paz em 1992¹, Moçambique começou a receber muitos refugiados oriundos dos Grandes Lagos (Cônsolo, 2004) alojados nos centros de refugiados criados para o efeito, tais como o centro de Massaca e Bobole em Maputo e Marratane em Nampula sob tutela da (ACNUR) e do (INAR) e apoiada pela WR e CARITAS, como forma de criar condições de integração dos mesmos em Moçambique.

Analisar a convivência desses indivíduos a partir da visão Antropológica, poderá contribuir para futuros estudos sobre os imigrantes oriundos dos Grandes Lagos, visto que estudos realizados em Moçambique olharam para as estratégias de integração e de sobrevivência dos imigrantes (Loforte, 1987; Manjate, 2007). O estudo do processo de (re)construção das identidades dos imigrantes oriundos dos Grandes Lagos torna-se diferente, porque irá buscar analisar questões actuais e particulares a que Moçambique e em particular o bairro Zona Verde estão a viver.

Para explicar os fenómenos relacionados com a reconstrução identitária, dei primazia à algumas dimensões identitárias como imagens, representações, pertenças, recursos e estratégias colocadas em prática pelos imigrantes nas suas interacções sociais, suportado teoricamente por (Berger e Luckmann, 2003), (Da Matta, 2000) e (Pereira, 2000)

Berger e Luckmann (2003) em construção social da realidade referem que a identidade é formada por processos sociais e uma vez cristalizada é mantida, modificada e remodelada pelas

¹ Foi no dia 4 de Outubro de 1992, a FRELIMO e a RENAMO assinam em Roma o Acordo Geral de Paz que pôs fim ao conflito armado em Moçambique.

relações sociais determinadas pela estrutura. Como tal Pereira (2000) acrescenta que a identidade não pode ser determinada a nascença, mas sim construída e reconstruída ao longo da vida do indivíduo, que tem como suporte os processos e factores de interacção bem como de inserção dos mesmos.

Por outro lado Da Matta (2000) em individualidade e liminaridade, refere que é nos extremos que ocorrem as principais etapas da retirada e nos distanciamos daquilo que temos como familiar e no final estabelecemos laços com o exótico, para o tornar familiar.

Visto que esses indivíduos adoptam diversos mecanismos de inserção, identificação e afirmação nos locais em que se encontram, pretende-se com o estudo compreender como é que os imigrantes envolvidos em movimentações forçadas reconstróem e reestruturam as suas identidades longe da sua terra de origem no caso do bairro Zona Verde?

No geral discuto no estudo como os imigrantes provenientes dos Grandes Lagos reconstróem a sua identidade em momentos de extensa liminaridade no bairro Zona Verde, e especificamente identifico os mecanismos adoptados pelos imigrantes na (re)construção da sua identidade e por último descrevo as relações estabelecidas entre eles e os residentes do bairro.

Procurei a partir do método qualitativo, colher depoimentos de duas famílias de imigrantes para compreender suas trajectórias desde o abandono das suas zonas de procedência até chegarem ao bairro da Zona Verde na província de Maputo onde residem e desenvolvem sua actividade económica informal², os mecanismos de apoio e integração dos imigrantes, como também os mecanismos de afirmação e legitimação da identidade dos imigrantes no Bairro.

² O conceito de economia informal contempla todas as actividades económicas de trabalhadores e unidades económicas que não estão cobertas pela legislação ou pela prática pelas disposições oficiais que as enquadram, regulamentam e disciplinam. Estão excluídas do seu campo, as actividades ilícitas, delituosas e criminosas (como tráfico de armas e droga, contrabando, etc.). Feliciano et, al citado por Francisco, António e Paulo Margarida. 2006.

A escolha do tema, deveu-se fundamentalmente a duas razões. A primeira, decorreu da experiência que tive com os comerciantes do bairro Zona Verde no decurso do meu trabalho como gestor de um complexo comercial. A segunda razão é meramente metodológica, visto que para compreender o processo de (re)construção identitária é necessário entender as percepções e significados que este grupo tem acerca do local onde habita e desenvolve sua actividade comercial.

O trabalho está dividido em seis partes: primeiro apresento o panorama geral do tema dando enfoque ao meu objecto de estudo, em seguida, apresento a revisão da literatura, onde procuro trazer um debate teórico que orienta o problema de estudo, na terceira, apresento o método de recolha dos dados, onde dou luz aos conceitos chaves como a mudança e liminaridade, na quarta parte apresento os resultados colhidos no campo, e na quinta parte apresento a discussão dos dados onde a partir da literatura e da conceptualização procuro discutir os dados do terreno e por fim apresento as considerações finais do estudo.

2. Revisão da literatura

Os indivíduos em contexto migratório, alteram profundamente suas identidades em função do local onde se encontram e das novas relações e interações por eles estabelecidas.

Para Cardel (2008) em seu estudo sobre “territorialidade liminaridade e memória” refere que na actualidade é impossível afirmar que um processo de migração não resulte de alguma forma no desenraizamento do indivíduo dentro de um processo que envolve deslocamento físico, social, cultural e psíquico, e o migrante é uma pessoa construída e reificada pela mobilidade, e sobreviver às pressões quotidianas da liminaridade estimula o migrante a impor no local de acolhimento pedaços da sua própria identidade.

Neste caso Truzzi (2008) refere que a decisão de imigrar, vem depois do indivíduo, colher informações sobre as dificuldades e oportunidades, com imigrantes anteriores, por via de cartas e outras formas de comunicação, como quando estes retornam as suas Zonas de proveniência, criam expectativas no seio dos outros, quanto a questão do emprego, alojamento, bem como dinheiro para que eles possam viajar.

Sendo suportado deste modo por um complexo de redes compreende um complexo de laços interpessoais que ligam migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade (Massey, 1988).

Possibilitando deste modo que os agrupamentos de indivíduos continuem a manter contactos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afectivos, além disso as formações complexas que canalizam e filtram e interpretam informações articuladas que controlam os seus comportamentos (Kelly, 1995).

No processo migratório o indivíduo passa por um período de liminaridade, a que do ponto de vista de Da Matta é um momento em que o mesmo apesar de consciente, se encontra desprovido das lógicas diárias estimulando a sua readaptação ao meio que o envolve, assim Van Gennep

citado por Da Matta (2000) refere que existe entre o mundo sagrado e o mundo profano uma incompatibilidade, a tal ponto que a passagem de um ao outro não pode ser feita sem um estado intermediário.

O posicionamento de Van Gennep foi apropriado por Turner citado por Da Matta (2000) quando refere que os atributos de liminaridade são necessariamente ambíguos, porque nesta condição essas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá, estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial.

Este conceito foi reapropriado por Da Matta (2000) em individualidade e Liminaridade, como forma de contrapor as ideias de Van Gennep e Turner sobre a ambiguidade e negatividade a que a liminaridade era vista por estes autores, típico das sociedades ditas primitivas e exóticas presas no passado.

Para Da Matta (1981) em “Universo do Carnaval” citado por Da Matta (2000:13) as pessoas envolvidas em ambientes carnavalescos dançam e cantam com alegria, expressando a sua identidade de forma diferente a que havia sido proposto por Turner e Van Gennep. Neste âmbito para Da Matta (2000) cada contexto deve ser lido segundo suas próprias representações porque cada processo varia de sistema para sistema e assume distintas conotações e sentidos, a liminaridade carnavalesca brasileira promoveria uma experiência com um *eu* essencial e não com um *nós* essencial.

Por seu turno Dubar (2005) em “A socialização: construção das identidades sociais e profissionais”, refere que no processo de construção das identidades existe uma transacção biográfica e relacional, em que não existe uma norma objectiva de como venha a se definir, não negando a necessidade do reconhecimento do outro como via da construção da identidade, mas apontando que a etapa não se resume ao processo.

A transacção biográfica, referida por Dubar é uma construção ao longo da trajectória subjectiva de vida, e está relacionada à identidade por si e se define pela dialéctica entre a identidade

herdada do seu grupo de origem e a visada em continuidade ou em ruptura ao grupo de origem. E a transacção relacional está associada às interacções e relações de reconhecimento dos indivíduos, e se constitui pela identidade pelo outro e se define pela dialéctica entre a identidade reivindicada e a reconhecida, deste modo a construção das identidades é produto de sucessivas socializações (Dubar, 2005:256).

Por outro lado Abranches (2007) em “Para uma teoria de socialização”, refere que o processo de construção e reconstrução identitária, desenvolve-se em alguns meios que são até certo ponto controlados socialmente, em que a pertença ao grupo de origem condiciona as suas estratégias de autonomização e de comportamento, mesmo que particulares, coabitando aspectos e esquemas complexos de negociação de regras entre as famílias.

Por seu turno Percheron (1974) citado por Dubar (2005) refere que a socialização como um processo de identificação, de construção de identidade e de pertencimento é assumir seu pertencimento a grupos de referência ou seja, assumir pessoalmente suas atitudes a ponto de elas guiarem amplamente sua conduta sem que a própria pessoa se dê conta.

Deste modo Dubar (2005) defendendo a abordagem anterior, e contrapondo o eu essencial e o nós essencial de Da Matta (2000) refere que o indivíduo jamais constrói sozinho a sua identidade, ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e auto definições. Assim, a identidade é produto das sucessivas socializações.

Para Berger e Luckmann (1983) as coisas e os lugares estão pré-arranjados e o indivíduo só se apropria dos padrões que parecem independentes para determinar as suas múltiplas identidades que se constroem dinamicamente ao longo do tempo e em diferentes contextos ou espaços seleccionados, em que os mesmos participam tendo em conta a cultura e o histórico dos indivíduos.

Deste modo, para Osório e Cruz e Silva (2008:13) em “Buscando sentidos Género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário, Moçambique”, nos processos de construção identitária temos que ter em atenção os factores que estruturam formas e dimensões particulares

de desigualdade, embora as componentes identitárias sejam sujeitas às disposições do ponto de vista da origem social estruturadas e transmitidas nos diversos meios de pertença.

Neste caso os factores que estruturam as dimensões particulares das desigualdades são o isolamento e a desconfiança que os nativos tem dos imigrantes, deste modo, procurei aproximar as abordagens dos autores para no final encontrar aspectos que me ajudaram a compreender a construção das identidades dos imigrantes provenientes dos Grandes Lagos no bairro Zona Verde.

3. Método de recolha e análise de dados

3.1. Conceptualização

Para a materialização do trabalho, dei primazia a três conceitos chave que se desdobram mutuamente, como o conceito de identidade, liminaridade e socialização.

O conceito de identidade nos ajuda na materialização deste trabalho, pelo facto de olhar para as transformações a que o indivíduo passa durante a sua interacção com os outros, possibilitando criar caracteres da sua identificação, assim a identidade é condicionada e reconhecida por outros e esta possibilita a inserção do indivíduo na vida colectiva.

As identidades são criadas e recriadas ao longo do tempo, tendo em conta os interesses, expectativas e o contexto em que o indivíduo está inserido. Neste sentido a identidade é construída pelo contacto que os indivíduos estabelecem através da actualização dos sujeitos, e que para Turner (1982) citado por Ribeiro e Zeneth (2006) é um processo de localização individual e do outro dentro de um sistema de categorizações e identificações sociais usadas por uma pessoa para definir a si própria.

O outro conceito evidenciado é o de liminaridade que nos ajuda na construção do *eu* e do *nós* num momento em que o indivíduo se encontra desprovido de regras e lógicas da vida corrente,

este conceito foi estudado por Van Gennep em “Ritos de passagem” onde identificou três estágios, tais como: a *separação*, *margem* e a *agregação*.

A separação é o momento do abandono das relações quotidianas, a margem é o momento em que o indivíduo vive sem regras e a agregação é o momento em que o indivíduo volta ao convívio, mas com um grande aprendizado que a vida lhe propôs na fase liminar.

O que caracteriza a fase liminar dos ritos de passagem é a experiência da individualidade vivida não como privacidade e relaxamento de certas regras, mas como um período de intenso isolamento e de autonomia do grupo (Da Matta, 2000:17). Sendo assim o conceito de liminaridade não se operacionaliza isoladamente mas sim, ajuda a reestruturar e a reconstruir as identidades dos indivíduos.

O conceito de socialização é importante para o trabalho, porque nos ajuda a entender os processos de aquisição das identidades, dentro de um prisma de interação social, em que a educação torna-se no principal veículo para a assimilação das componentes básicas que cada contexto produz.

Para Abranches (2011:135) a socialização é um processo de constituição dos indivíduos e das sociedades através das interações, actividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projectos identitários-biográficos, numa dialéctica entre organismos biológicos e contextos socioculturais. Desta forma, os indivíduos vão produzindo a sociedade e sendo produzidos por ela.

A articulação dos conceitos de identidade, liminaridade e socialização, possibilita encontrar as representações, imagens, as pertenças, mas também os recursos e as estratégias estabelecidas pelos imigrantes para estruturar e determinar a sua identidade no bairro Zona Verde.

3.2. Recolha de dados

O estudo foi realizado de Julho de 2011 a Março de 2012, entre os imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro da Zona Verde. Estiveram envolvidos no estudo duas famílias de imigrantes sendo a primeira composta por seis membros, pai, mãe, três filhos e um sobrinho de criação. A segunda família é composta por quatro membros pai, mãe, filho e um tio. Nesta família em particular, a mãe e o filho se encontram na Bélgica, somente o pai e o tio é que se encontra a residir em Moçambique.

A abordagem qualitativa, a revisão da literatura e entrevistas não estruturadas foram os métodos adoptados para a elaboração do estudo, como forma de encontrar as histórias de vida dos entrevistados. A abordagem qualitativa permitiu uma aproximação que foi fundamental para identificar os motivos, as intenções e projectos dos imigrantes em Moçambique, com base na análise das acções e relações estabelecidas entre eles.

A revisão da literatura foi importante para encontrar pressupostos de base teórica para o estudo, e instrumentos para a análise dos resultados. Também serviu para identificar as concordâncias e divergências no concernente a construção identitária dos imigrantes.

A entrevista não estruturada, tem por objectivo dar uma visão ao pesquisador do problema a pesquisar em forma de conversa, como tal, recorre-se a informantes chave que possa conhecer especialistas no assunto. Este método abriu espaço para que pudesse dialogar com os imigrantes de forma aberta, o que permitiu identificar elementos chave para a pesquisa.

Do ponto de vista de Costa et al (2005) a entrevista não estruturada, permite dar ao investigador uma visão ampla das dinâmicas sociais, percepções e diferenças dos indivíduos, tal como as mudanças que ocorrem no seu meio, mas a entrevista não estruturada, requer muito tempo para a obtenção dos resultados pretendidos, o que envolve um certo grau de entrosamento e conhecimento da técnica do pesquisador, este facto fez com que a pesquisa levasse muito tempo para se obter resultados pretendidos, porque pensavam eles que estavam a ser investigados.

As histórias de vida dos imigrantes, desde a saída dos seus locais de procedência até aos locais de acolhimento, tornam-se num dos instrumentos de recolha de dados que para Lakatos (1992) permite obter dados relativos a experiência íntima dos detentores do conhecimento. Deste modo, as histórias vida servem segundo Copans (1981) para designar uma biografia ou autobiografia em Antropologia, o que possibilitou entender dos meus entrevistados as trajectórias, os

mecanismos de apoio, integração, afirmação e legitimação da sua identidade no bairro Zona Verde.

4. Resultados

4.1.1. Breve caracterização da área de estudo e dos participantes

O estudo foi realizado no bairro da Zona Verde no Município da Matola localizado na parte sul de Moçambique no interior da província de Maputo que ocupa uma área de 368.4 km² e situa-se aproximadamente entre os paralelos 25° 41' 36" e 25° 50' 36" de latitude sul e entre os meridianos 32 ° 24' 02" e 32 ° 35' 12" de longitude, é limitado a sul pelo distrito de Moamba, a leste e sudoeste pelo distrito de Boane, a sul faz fronteira com a cidade de Maputo através do posto administrativo Katembe.

Deste modo o estudo envolveu duas famílias de imigrantes provenientes dos Grandes Lagos, sendo a primeira à da dona Teresa que é composta por seis membros, pai, mãe, três filhos e um sobrinho de criação. A segunda família à do senhor Alberto que é composta por quatro membros pai, mãe, filho e um tio. Nesta família em particular, a mãe e o filho se encontram na Bélgica, somente o senhor Alberto é o tio é que se encontram a residir no bairro Zona Verde.

4.1.2. Trajectórias das famílias até a sua chegada ao bairro Zona Verde

Dona Teresa, 50 anos de idade nasceu no Burundi, e cresceu no Ruanda por causa do trabalho dos pais, casou-se em Ruanda e voltou a Burundi onde teve três filhos, seu país estava a passar por uma situação de conflitos de carácter étnico, com o agudizar deste, começaram a surgir perseguições, muitos dos seus vizinhos foram mortos, daí a dona Teresa, a sua família e alguns vizinhos, tiveram que fugir das suas casas a procura de locais seguros para ficar, entraram pelas matas até chegarem ao centro de refugiados na República Democrática do Congo criados pelo (ACNUR), alguns dias depois o centro foi invadido por rebeldes e tiveram que fugir para Malawi

onde por sua vez abandonaram por causa de falta de ajuda e foram parar na Tanzânia onde as condições no centro de refugiados eram péssimas, tiveram conhecimento de algumas pessoas no centro que em Moçambique a guerra entre a Frelimo e Renamo já havia acabado, decidiram vir a Moçambique em Dezembro de 1992.

“Para chegar em Moçambique com a minha família e alguns conterrâneos foi muito difícil, assisti meus vizinhos e amigos a serem mortos como cães, uns com tiros e outros eram espetados ferros, graças a deus conseguimos fugir até chegar aqui no vosso país graças a boa vontade de alguns amigos que haviam fugido a muito mais tempo que nós.”³

Senhor Alberto, 42 anos, natural do Burundi, formado em Contabilidade, trabalhava como contabilista numa firma de importação de medicamentos, foi capturado para alinhar as fileiras das forças armadas e lutar contra a etnia tutsi, na altura ele era casado com a senhora Amélia que por causa das perseguições fugiu para (RDC) em casa de um familiar que vivia e trabalhava nas minas locais. Dois anos depois o senhor Alberto teve informação que a sua esposa estava na (RDC), e numa das incursões conseguiu fugir do país e foi parar na (RDC) junto ao tio e a esposa.

Daí, teve conhecimento que o seu irmão mais velho de nome Castigo, já havia fugido para Bélgica, através de contactos, o seu irmão criou condições pela embaixada para a viagem dele e da esposa para Bélgica, onde conseguiram asilo e nacionalidade Belga, se empregaram, ele como taxista e a esposa numa organização não governamental que recebe refugiados de guerra e pessoas a procura de asilo e tiveram um filho. Por causa das condições de trabalho difíceis na Bélgica o seu irmão veio a Moçambique aconselhado por um amigo para desenvolver uma actividade económica. O senhor Alberto ficou com a sua família, mas quando o seu filho já tinha idade de ir a escola ele decidiu vir a Moçambique a convite do irmão.

“ Saí do meu país somente com a roupa que eu tinha vestido, fui parar na Bélgica juntamente com meu irmão e esposa, cheguei a Moçambique no ano passado, vim a

³ Dona Teresa, 50 anos

procura de condições para reconstruir a minha vida, tive tudo destruído no meu país, assisti pessoas morrendo sem culpa mas eu não podia fazer nada para evitar, desde o dia que cheguei a Moçambique, sinto que só um novo homem, porque vejo que aqui a minha vida vai mudar graças a ajuda do meu irmão.”⁴

Outro depoimento que retrata a trajectória dos entrevistados é do Artur, filho mais velho da dona Teresa.

“Sabes, aquilo foi terrível, nunca havia pensado que as pessoas seriam capazes de matar seu próprio vizinho sem piedade, olha nós éramos como irmãos, mas a maldita rivalidade entre aqueles que mandam estragou tudo, quando fugimos, sofremos muito pelo caminho, comíamos banana verde e mandioca que roubávamos nas machambas, mas graças a deus quando chegamos aqui em Moçambique nos sentimos livres do sofrimento, mas com o tempo vimos que as pessoas daqui são diferentes”⁵.

Como se pode depreender dos entrevistados, apesar do clima de tensão e de guerra que estavam envolvidos, deslocavam-se para os locais de acomodação cientes de que em algum momento iriam encontrar formas de se reafirmarem.

O espírito de inter ajuda está patente entre os entrevistados, no primeiro a fuga em massa possibilitou que o espírito de solidariedade e a ajuda do ACNUR desse uma nova esperança de vida em Moçambique. No segundo caso, a ajuda familiar foi preponderante para a trajectória deles. Assim, este facto, demonstra que as relações sociais anteriormente estabelecidas desempenham um papel muito importante na reconstrução da vida desses indivíduos. Demonstra ainda que para esses imigrantes, Moçambique é uma terra prometida.

Um outro aspecto que demarca a trajectória dos imigrantes foi os mecanismos de ajuda traçados para os manter autónomos em Moçambique, através das organizações não governamentais.

⁴ Senhor Alberto, 42 anos

⁵ Artur, 26 anos

“Quando cheguei a Moçambique fiquei alojada junto com a minha família, numa das casas de migração local, dois dias depois apareceram homens do ACNUR, WR e da CARITAS que disseram devíamos ir para o centro de refugiados de Marratene em Nampula, mas se não quiséssemos, deveríamos fazer alguma coisa para o nosso sustento, nós dissemos que seria melhor a segunda coisa porque já tínhamos uma experiência não boa do centro de refugiados, então eu e o meu marido desenhamos um projecto de fabrico de pão caseiro que foi aprovado e nos concederam um empréstimo que devia começar a ser pago três meses depois, produzimos e vendemos pão durante 4 anos, mas porque o meu marido queria que as crianças estudassem e já tinha conhecimento das condições que iria encontrar aqui em Maputo, tivemos que vir a Maputo em 1998, primeiro legalizamos a nossa situação no INAR para termos documentos de circulação como refugiado, alugamos uma casa no bairro do jardim e abrimos uma mercearia no mercado da Zona Verde onde continuamos até hoje”⁶.

“Quando cheguei em Moçambique morei em casa do meu irmão Castigo que já vivia em Moçambique ele é dono de uma padaria no bairro de Magoanine, ele me ajudou a ter os documentos de refugiado no INAR, apesar de eu ter nacionalidade Belga, também circulo com documentos de refugiado. Um mês depois abri este depósito de venda de bebidas alcoólicas e refrescos aqui no bairro Zona Verde com o dinheiro que acumulei na Bélgica”⁷

Os meus entrevistados embora estejam em Moçambique por causa das guerras, eles assumem-se como refugiados, e conseguem criar condições para o seu sustento nos locais onde residem. Olhando para o primeiro depoimento, a nossa entrevistada refere que tiveram ajuda da ACNUR, WR e da CARITAS para começarem a desenvolver a sua actividade económica, o que possibilitou sustentar a sua família e resgatar a auto-estima dos mesmos. O segundo depoimento é similar ao primeiro no que toca ao facto destes serem imigrantes que abandonaram as suas zonas de origem pelo mesmo motivo, mas o segundo chegou a Moçambique depois de ter passado por uma experiência fora do seu país onde conseguiu se estabelecer, mas por causa da

⁶ Dona Teresa, 50 anos

⁷ Senhor Alberto, 42 anos

necessidade de melhoria de vida este teve que imigrar de forma espontânea a Moçambique para melhorar a sua condição financeira.

Deste modo, os entrevistados procuram através do processo de identificação e reafirmação encontrar formas de se tornarem autónomos, para tirar o vazio da perda e abandono que foram alvo no passado, conseguem entre eles criar espaços para desenvolverem a sua actividade económica, onde a interacção com os seus conterrâneos procura manter e resgatar a sua identidade.

4.1.3. Estratégias adoptadas para a inserção nos locais de acolhimento

A dona Teresa, quando veio ao bairro Zona Verde, fez o reconhecimento do mercado e procurou encontrar espaço para exercer sua actividade económica, como ela já exercia uma actividade económica em Niassa, foi fácil recomeçar porque já tinha dinheiro guardado, conheceu o chefe do mercado que lhe indicou uma pessoa que estava alugar um contentor, conversou com ele e acertaram os detalhes do aluguer.

Na semana seguinte começou a vender bebidas alcoólicas e refrescos com ajuda do seu filho mais novo, mas depois contratou um rapaz do bairro que a função dele era de descarregar as bebidas do carro para dentro do contentor, e entregar aos clientes, comiam a mesma comida e conversavam em Português, mas não ficou dois meses com ele, porque um dia nem a dona Teresa nem o filho estavam no contentor e o empregado roubou algumas coisas e deixou o local abandonado, quando ela voltou viu a situação ficou em pânico mas não ficou abalada, não foi meter queixa as autoridades, mas deu a conhecer ao seu conterrâneo e vizinho do mercado.

No dia seguinte o seu conterrâneo trouxe um rapaz que era vizinho dele na casa onde morava que trabalhou com ela por muito tempo, até que um dia deixou de trabalhar sem avisar.

“Meu filho, eu sou uma pessoa que sabe o que é sofrer, quando cheguei ao mercado, procurei saber primeiro o que devia fazer para não entrar em contradição com os hábitos dos residentes do bairro, falei com o secretário do bairro, o chefe do mercado no sentido de me darem espaço para começar o meu negócio. Quando eu comecei ajudava

*muitos nativos em emprego e comida, mas chi, Moçambicano não gosta de trabalhar, mas eu nunca desisti de ajudar aqueles que me pedem alguma coisa para comer e até mesmo emprego. Para facilitar a comunicação entre eu e os clientes, aprendi a falar changana e também a comer a mesma comida.”*⁸

De acordo com os entrevistados quando chegaram em Moçambique procuraram conhecer os hábitos e costumes da população local, inclusive a língua, como forma de poderem desenvolver a sua actividade económica sem dificuldades e harmonizar com os seus hábitos.

*“Sempre que cruzo com alguém que já tenha visto no meu local de trabalho, eu procuro cumprimentar e se esta pessoa aparece no meu estabelecimento converso com ela, as vezes repito o que a pessoa diz, as vezes me corrigem, e quando é possível dou alguma coisa a pessoa, assim começamos a ser amigos e a conversar sempre”*⁹.

*“Para mim foi fácil, porque eu cheguei ainda criança, naquelas brincadeiras que fazíamos fui criando amizades e aprendendo, e quando entramos na escola melhorei muito porque nos obrigavam a falar Português, e hoje acredito que falo muito bem”*¹⁰.

*“Eu sei que os moçambicanos gostam muito de falar com estrangeiros, como estou a pouco tempo, é difícil falar português mas aquilo que eu consigo, falo, entre os meus trabalhadores, procuro saber se estão satisfeitos com o trabalho ou não”*¹¹.

No bairro, os seus vizinhos lhe apoiam muito, mas não sabe se é por causa da sua condição financeira ou não, mas eles são muito amigos, o Senhor Alberto refere não ter nada a se queixar, dos nativos, as pessoas aceitam muito bem os estrangeiros, poucos ligam para o facto dele ser ou não estrangeiro, até há vezes que chegam a trocar algumas impressões relacionadas com a língua, “Swahili” e francês, que é a que ele usa no dia a dia.

⁸ Dona Teresa, 50 anos

⁹ Senhor Alberto, 42 anos

¹⁰ Tino, 19 anos

¹¹ Senhor Alberto

As estratégias adoptadas pelos imigrantes para a sua inserção no bairro Zona Verde, é através do conhecimento dos hábitos e costumes dos nativos, procurando sempre que for possível alegrar com brincadeiras usando a língua local. Este facto faz com que haja uma interacção constante e o imigrante seja considerado como irmão no bairro pelos nativos.

4.1.4. Afirmação e legitimação da identidade dos imigrantes no Bairro

O comércio é uma das bases fundamentais da economia familiar dos entrevistados e esta é uma das formas encontradas para afirmar e legitimar a sua identidade no bairro mas também a questão de educação é tida como melhor forma para legitimar o estatuto deles no bairro.

Para a dona Teresa, o trabalho no comércio não só ajuda na manutenção do status da família, mas também oferece aos filhos uma boa educação longe dos conflitos armados para que eles possam ser alguém no futuro, como alguns dos conterrâneos dela que tiveram formações específicas na saúde e na educação, e que neste momento se encontram a trabalhar como Médicos, Enfermeiros, e Professores, por isso, ela sempre rezou e trabalhou para que os filhos pudessem estudar.

No momento dois dos seus filhos, se encontram a frequentar o ensino superior, um está a fazer o curso de medicina na faculdade de medicina da Universidade Eduardo Mondlane, e o outro se encontra na província de Manica na Unizambeze, mas o último parou de estudar depois de ter feito a escola industrial em 2007 e prefere trabalhar com os pais no comércio, mas este facto não deixa a dona Teresa satisfeita porque este abandono poderá comprometer o futuro do filho.

“Desde a minha saída do Burundi, fiz de tudo para garantir aos meus filhos uma vida boa apesar da situação que estávamos a passar, eu sempre lutei para por eles na escola porque na escola eles poderão conseguir ser alguém no futuro, mas as coisas não são como nós queremos, o meu filho mais novo desistiu porque prefere trabalhar comigo no mercado”¹².

¹² Dona Teresa

Por seu turno o senhor Alberto refere ter deixado a esposa e o filho na Bélgica, para que ele pudesse ter uma boa educação, para no futuro poder ser alguém que possa decidir acerca da sua vida, ou até mesmo um dia voltar ao seu país e ensinar aos que fazem a guerra, que esta não é uma forma boa para conseguir as coisas.

“Apesar da minha esposa estar a trabalhar na Bélgica, eu achei que seria melhor que ela ficasse lá com o nosso filho, já estava na escola e também porque, o que eu fiz foi uma aventura, se eu tirasse meu filho daquele ambiente poderia quebrar o ritmo escolar dele e comprometer o seu futuro”¹³.

Outro aspecto relevante para a legitimação da sua identidade encontra-se nos relacionamentos afectivos, que apesar de estarem a residir longe das suas zonas de origem e inseridos em contextos também diferentes os entrevistados referem que se relacionam normalmente com os nativos apesar de algum receio por causa da condição de imigrantes e refugiados.

“Quando eu estava na escola industrial, conheci uma moça que era minha colega na altura e começamos a namorar, mas a nossa relação não durou muito tempo, porque quando o irmão soube que ela estava a namorar comigo me ameaçou, não sei porque motivos mas eu acho que é porque eu sou burundez, um tempo depois conheci a mulher que é minha esposa porque temos um filho e ela mora comigo em casa dos meus pais. Na minha tradição quando um rapaz se envolve com uma mulher, ele está proibido de ter outras, porque um homem segundo as leis lá foi feito para uma mulher, e quem for encontrado a trair a sua esposa pode até ser expulso da comunidade:”¹⁴

Outro entrevistado afirmou que:

“A minha esposa morreu na guerra quando estávamos a fugir, quando cheguei ao bairro conheci uma senhora que vinha comprar cerveja no nosso estabelecimento, começamos a namorar e hoje moramos juntos na mesma casa”¹⁵.

¹³ Senhor Alberto, 42 anos

¹⁴ Artur, 26 anos

¹⁵ Benjamim, 40 anos

Os imigrantes provenientes dos Grandes Lagos afirmam e legitimam a sua identidade através da conjugação comércio, educação dos filhos e relacionamentos afectivos com os nativos. O comércio é a base fundamental para o sustento e manutenção das famílias dos imigrantes, sendo que maior parte deles se dedicam a esta prática, o que cria condições para a educação dos filhos, sendo esta uma vertente a que eles acham ser uma das formas que irá criar condições para a estabilidade da vida dos filhos no futuro. Deste modo, os imigrantes apesar de se encontrarem longe das sua zonas de origem, criam em Moçambique, laços afectivos com os nativos a partir da conjugação das lógicas locais e as trazidas por eles.

5. Discussão

As trajetórias individuais apresentadas mostraram que a guerra foi o motivo do abandono forçado dos imigrantes das suas zonas de origem a procura de um lugar seguro e longe dos conflitos. Passaram pelos campos de refugiados na (RDC), Malawi, Tanzânia e Moçambique, onde tiveram necessidades de alimentos e medicamentos para tratarem alguns que ficavam doentes, mas com a assinatura dos Acordos Geral de Paz em Moçambique em 1992, muitos deles vieram se instalar em Moçambique depois do extenso período liminar que estiram envolvidos no seu percurso até Moçambique pela suspensão da sociedade deles nos campos de refugiados.

Este aspecto coincide com a fase liminar descrita por Da Matta (2000) que é nos extremos que ocorrem as principais etapas da retirada e nos distanciamos daquilo que temos como familiar que no final estabelecemos laços sociais com o exótico tornando-o familiar e corroborando com o pressuposto veiculado por Cardel (2008) quando refere que o migrante é uma pessoa construída e reificada pela mobilidade, e sobreviver às pressões quotidianas da liminaridade estimula o migrante a impor no local de acolhimento pedaços da sua própria identidade.

A identidade desses imigrantes, se constroem pela conjugação dos hábitos e costumes trazidos das suas zonas de origem e dos que encontram nos locais de acolhimento, os entrevistados quando chegaram ao bairro Zona Verde encontraram no comércio de produtos de primeira necessidade em contentores, uma forma diferente da que possuíam nas suas zonas de origem, alguns já eram formados e tinham seus empregos. Este facto não se distancia com o proposto em Sayad e Bourdieu (1964) citado por Vanderlúcia da Silva (2006:83) as mudanças no ritmo de vida das pessoas que se deslocaram e se apropriaram de formas diferentes do trabalho, tempo e espaço são tencionadas pelas referências que trouxeram de seus locais de origem.

E também descrito por Vergara (2000: 5) quando afirma que as identidades dos indivíduos são construídas de acordo com o ambiente em que se inserem envolvendo entre outras coisas as estruturas sociais, a cultura e o histórico. Apesar de se encontrarem fora das suas zonas de origem, estes imigrantes conseguem obter ganhos consideráveis no comércio e até certo ponto serem considerados homens de sucesso, consubstancia também com o referido por Pecoud

(2004) que os imigrantes conseguem ter progressos nos países de asilo, melhorando as suas condições de vida aliado as suas iniciativas e a condição de excluído que são alvo, jogando um papel importante na reconstrução da sua identidade. Mas estes ganhos surtem efeito somente com a interacção que estes estabelecem entre eles no exercício da sua actividade através da ajuda e solidariedade mútua.

Apesar de muito sucesso nos negócios, os imigrantes garantem que gostariam que os filhos tivessem um futuro diferente a dos pais, eles olham para a educação dos filhos como uma das melhores formas para que eles possam encontrar ferramentas para escaparem dos problemas que a vida impõe aos indivíduos, e possibilitar encontrar um espaço para se socializar com os outros e afirmar a sua identidade. Conforme foi descrito por Percheron (1974) citado por Dubar (2005) socializar-se é assumir seu pertencimento a grupos de referência ou seja, assumir pessoalmente suas atitudes a ponto de elas guiarem amplamente sua conduta sem que a própria pessoa se dê conta.

Encontrei no decorrer do trabalho continuidade na forma como os autores abordam as questões referentes a reconstrução das identidades dos imigrantes, porque na sua maioria os autores apontam as relações sociais, a interacção entre os indivíduos como fruto da socialização que contribuem para o reestruturar e o reconstruir as suas identidades, mesmo que os indivíduos migrem de forma forçada e se submetam a uma liminaridade extensa, a interacção com o meio envolvente se encarrega de reordenar a vida dos mesmos com outras lógicas, mas sempre rebuscando as lógicas do passado.

6. Considerações finais

O estudo analisou o processo de (re)construção das identidades dos imigrantes oriundos dos Grandes Lagos no bairro Zona Verde, que nos últimos tempos vem recebendo muitos imigrantes que provém dessa região.

Os resultados do estudo, permitiram notar homogeneidade entre os discursos dos imigrantes quanto aos motivos do abandono das suas zonas de origem, em que a guerra e as perseguições políticas foram tidas como as principais causas que conduziram a fuga em massa dos mesmos das suas zonas de origem. Estes foram acolhidos em campos de refugiados criados para o efeito sub tutela da ACNUR, com ajuda da WR, CARITAS e do INAR como forma de integrá-los na sociedade Moçambicana. O papel do INAR foi preponderante na concessão de asilo e documentos para a livre circulação dos mesmos.

Estes imigrantes chegaram ao bairro Zona Verde em grupo de familiares e amigos a procura de locais seguros de acolhimento, e Moçambique foi tido pelos imigrantes como um dos locais que pudesse inverter o cenário vivido nos seus locais de proveniência, onde a situação política era instável.

Deste modo permitiu identificar que os imigrantes residem e desenvolvem actividades económicas no mercado do bairro Zona Verde, como a venda de produtos de primeira necessidade, como arroz, feijão, batata e bebidas, onde até certo ponto conseguem criar economias que facilitam a educação dos filhos e espaço para que o grupo reconstrua sua identidade no bairro Zona Verde.

O estudo permitiu concluir que os imigrantes apesar de terem passado por diversas dificuldades nos locais de acolhimento e terem abandonado forçosamente as suas zonas de origem, conseguiram através das redes sociais estabelecidas socialmente encontrar no comércio espaço para impor a sua auto-estima o que possibilitou reconstruir e reestruturar a sua identidade.

7. Referências Bibliográficas

Abrantes, Pedro. 2011. Para uma teoria da socialização. Sociologia, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI: pp. 121-139.

Abranches, Maria. (2007). *Pertenças Fechadas em Espaços Abertos. Estratégias de (re)construção Identitária de Mulheres Muçulmanas em Portugal*, colecção Teses, 13, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Pp. 220.

ACNUR, 2009. *Tendências globais: Solicitantes de refúgio*. [online] Disponível via: www.acnur.org/t3/fileadmin/document. Arquivo consultado em 20 de Abril de 2012.

Berger, Peter e Luckmann, Thomas. 2003. *A Construção Social da Realidade* (23 edição). Petrolins: Vozes editora. Pp. 248.

Cardel, Lúcia Maria Pires. 2008. “Territorialidade, Liminalidade e Memória: um estudo sobre o Choque entre imaginários e (re)construção de identidades”, *Revista Electrónica de Ciências Sociais*, Vol. 3: pp. 45-79. Disponível em www.editoraufjf.com.br/./338. Arquivo consultado em 16 de Março de 2012.

Cônsolo, Josefina. (2004). *Integração Social e Estratégias de Sobrevivência dos Refugiados em Marratane*. Tese para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Copans, Jean. 1981. A profissão de Antropólogo. In: *Críticas e Políticas da Antropologia*. Lisboa: edições 70. Pp.47-73.

Costa et al. 2005. *Metodologia de investigação*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Da Matta, Roberto. 2000. Individualidade e liminaridade: Considerações sobre ritos de passagem e a Modernidade, in *Maná* 6, (1), pp. 7-29

Dubar, Claude. 2005. A socialização: *Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes. PP. 331.

Fernandes, Karina Ribeiro e Zeneth, José Carlos. 2006. *O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações*. Curitiba, Brasil: Revista de Administração Contemporânea. Vol. 10. n° 1.

Francisco, António A da Silva e Paulo, Margarida. 2006. Impacto da economia informal na Protecção Social Pobreza e Exclusão: *Dimensão oculta da informalidade em Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul – Instituto de Investigação para o Desenvolvimento José Negrão. Centro de Estudos Africanos. p. 141.

Lakatos, Eva Maria. 1992. *Metodologia de Trabalho Científico*. 4ª Edição. Editora Atlas, São Paulo.

Loforte, Ana. 1987. *Migrantes e a sua Relação com o Meio Rural*. in: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*. n° 4.

Manjate, N. 2007. *Integração dos Imigrantes em Contextos Urbanos: o Caso dos Alfaiates de Nampula no Bairro do Alto-Maé*. [Tese de Licenciatura em Antropologia]. Maputo: UEM/FLCS/ DAA.

Massey, Douglas *et al.* 1993. *Theories of international migration: a review and appraisal*. *Population and Development Review*, 19 (3): 431-466. MÍGUEZ, Eduardo. (1995), “Microhistoria, redes sociales y historia de las.

Osório, Conceição e Teresa Cruz e Silva. 2008. *Buscando sentidos. Género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário, Moçambique*. Maputo: WLSA Moçambique.

Pecoud, Antoine. 2004. *Cosmopolitanism and business: Entrepreneurship and Identity Among German and Turks in Berlin*. Institute of Social and Cultural Anthropology, University of Oxford, UK. Disponível em www.econturk.org/ye1.pdf. Consultado em 30 de Setembro de 2011.

Ponte, Vanderlúcia da Silva. (2006). *Análise Antropológica da Socialização das crianças no contexto social das famílias no trajeto do lixo no Aura*. Tese de Mestrado em Antropologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade federal do Pará. Belém. Disponível em www.Ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertações. Consultado em 8 de Outubro de 2011.

Kelly, P. F. 1995. *Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration*. In: Portes, A. (org.). *The economic sociology of immigration*. Nova York: Russell Sage.

Truzzi, Oswaldo. 2008. *Redes em processo migratório*. *Tempo Social*. São Paulo: Revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1.